

UM EDUCADOR DOS POBRES

**Exame da Doutrina Social da Igreja
em João Luiz Pozzobon**

Pe. Ottomar Pedro Schneider

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letra de Ijuí, RS, (18/12/1966).
Diplomado em Teologia pela Westfälischen Wilhelms
Universität Münster, Alemanha (17/10/1972).

Introdução

1. O “aluninho” na escola social do Pe. José Kentenich
2. Em busca do argumento sócio-pedagógico de João Luiz Pozzobon
 - a) - O cultivo da pobreza como virtude social por João Luiz Pozzobon
 - b) - A educação dos pobres como objetivo social de João Luiz Pozzobon
3. João Luiz Pozzobon frente à doutrina social da Igreja

Conclusão

Fontes

Introdução

O Servo de Deus João Luiz Pozzobon está a caminho da honra¹ dos altares. Além de ser o criador de um método novo e original de pastoral familiar, através da sua Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt, foi, também, um exímio pedagogo no campo social.

Todos conhecemos o espectro do crescente empobrecimento e da marginalização do homem no campo e nas cidades de nosso País. Pozzobon apresenta, hoje, uma verdadeira proposta sócio-pedagógica, para a solução destes graves problemas de ordem econômica e cultural, religiosa e moral que afligem a sociedade em nossa época.

Diferente de outros expoentes sociológicos de nosso tempo, que buscam soluções para estes problemas da atualidade, Pozzobon não formulou nenhum tratado² social. Deixou-nos, porém, um singelo modelo³ de resgate de dignidade da pessoa humana, em especial, da família carente, que hoje encontra um amplo seguimento⁴ em diversos países e várias regiões do Brasil.

Desta forma, ele contribui para uma concretização prática dos postulados da Doutrina Social da Igreja, levando cristãos atentos a assumirem o seu papel de co-responsáveis pela transformação da sociedade em crise, particularmente, nos nossos países em desenvolvimento.

Apontar algumas pistas desta contribuição sócio-pedagógica de João Luiz Pozzobon é a intenção desta breve exposição sobre sua atividade social, entre os anos de 1954 e 1985. Motivada pelo *Primeiro Seminário sobre a Importância Teológica⁵ da Pessoa e Obra de João Luiz Pozzobon*, ela almeja apresentar uma primeira reflexão consciente sobre a atuação criativa do Servo de Deus, mostrando como ele compreendeu e realizou de forma prática, os postulados da Doutrina Social da Igreja.

Na verdade, trata-se, aqui, de uma primeira tentativa de penetração mais acadêmica, nesta área da ação evangelizadora de João Luiz Pozzobon. Ela

ainda necessitará de um estudo mais profundo e de um confronto maior com os avanços da Sociologia pós-moderna e, principalmente, com os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja Católica, neste período pós-conciliar.

Nosso exame enfoca três âmbitos da atividade social de Pozzobon: a sua atitude de discípulo na escola social do Pe. Kentenich; a busca do seu argumento pedagógico-social; e o seu confronto com a Doutrina Social da Igreja.

1. O “aluninho” na escola social do Pe. José Kentenich

Uma fonte decisiva de assimilação da Doutrina Social da Igreja foi o contato pessoal de João Luiz Pozzobon com o Pe. José Kentenich. Ele mesmo confessava: *“Eu me sentia assim como um pequeno aluno, um ‘alunhinho’ junto lá ao Fundador, Padre Kentenich... que estava naquela escola...”*⁶

Portanto, desde o primeiro instante de seu contato com o Fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, Pozzobon tinha consciência de estar freqüentando uma nova escola de formação religioso-moral e sócio-cultural. E nela se portava como um aluno que almeja aprender todas as lições ministradas pelos mestres.

Na verdade, o objetivo do Movimento de Schoenstatt não é, explicitamente, de cunho social. Desde o início o Pe. Kentenich visava, claramente, a *“renovação religioso-moral do mundo em Cristo”*⁷ em sua globalidade. Isto não significa, porém, que exclua de sua espiritualidade e pedagogia os princípios fundamentais⁸ da Doutrina Social da Igreja. Bem ao contrário, os inclui, fortemente.

Foi no período, entre a primeira e a segunda Guerra Mundial, quando os problemas sociais tomaram proporções ameaçadoras na Europa e nos Estados Unidos, que o Pe. Kentenich se ocupou com a Doutrina Social da Igreja, recentemente elaborada pela grande Encíclica Social *“Rerum Novarum”*⁹ do Papa Leão XIII. O Pe. Kentenich concentrou os seus esforços,

para dar resposta aos problemas emergentes do desenvolvimento da indústria. Esta era, nos anos 30, uma fonte de injustiças que clamavam pela ajuda da Igreja.

Partindo, pois, das leis do organismo¹⁰ e da ordem do ser, o Fundador buscou abrir o caminho da Doutrina Social da Igreja, em oposição às ideologias mecanicistas¹¹ que, tanto o capitalismo da América do Norte, como o comunismo de Marx e o nacional-socialismo de Hitler, tentavam impor a força à sociedade industrializada. Era uma resposta humanista e cristã à problemática social da época.

Aplicando, pois, os ensinamentos da Igreja à situação reinante, o Pe. Kentenich buscou iluminá-los com os princípios fundamentais da espiritualidade¹² e pedagogia¹³ do Movimento de Schoenstatt. Esperava, assim, poder contribuir para uma solução, a longo alcance, das graves questões sociais de uma sociedade em transformação.

Essas eram as lições que Pozzobon recebia, em forma de cultivo de espírito, de seus primeiros mestres¹⁴ que o introduziram no Movimento, em Santa Maria, no final dos anos 40. E, com sua atitude de “aluninho” atento e dócil, captou de imediato o espírito da Doutrina Social da Igreja, agora iluminada pela espiritualidade e a pedagogia de Schoenstatt.

E, como não era de sua índole esperar pelas iniciativas dos outros para uma aplicação concreta, já em 1954, Pozzobon dava início à construção da Vila Nobre da Caridade, com a entrega das primeiras casinhas¹⁵ “*para o resguardo dos mais pobres*”. Iniciava-se, assim, a nova e original escola com uma espiritualidade e pedagogia social criativa, onde a Doutrina Social da Igreja era aplicada, não de forma teórica, mas, prática e integral.

Portanto, João Luiz Pozzobon não assume, apenas, o objetivo social do Movimento Apostólico de Schoenstatt. Porém, ele o recria e traduz numa obra social,¹⁶ enriquecida com um método de educação, capaz de dar à família, sócio-cultural, religioso-moralmente carente, aquilo que, na linguagem

popular costumamos expressar com o axioma: “*não dar o peixe, mas, o anzol*”.

Assim, logrou levá-las a uma auto-ajuda e libertação, como o almeja o Movimento de Schoenstatt e a Doutrina Social da Igreja.¹⁷ Ali, em contato com a realidade das famílias carentes e marginalizadas, Pozzobon soube investir no ser humano de forma crente e eficaz, dando a sua contribuição pessoal e original, para uma solução adequada da questão social da humanidade pós-moderna.

2. Em busca do argumento social de João Luiz Pozzobon

Qual é, no entanto, o argumento sócio-pedagógico desta solução oferecida por João Luiz Pozzobon?

Após seu ingresso no Movimento Apostólico de Schoenstatt e a criação da “Campanha do Terço”, Pozzobon costumava assinar suas correspondências, assim: “*O Pobre Peregrino e Diácono João Luiz Pozzobon*”.¹⁸ Este é, sem dúvida, um sinal de sua humildade, mas também, do seu sentimento solidário com as pessoas atingidas pelo infortúnio social. Há, pois, dois aspectos nesta assinatura de Pozzobon.

Do ponto de vista cristão, cabe-nos distinguir, entre a virtude da pobreza,¹⁹ elevada por Cristo à condição de *bem-aventurança*,²⁰ e o homem pobre. A primeira possui uma relação direta com a Pessoa de Cristo que, voluntariamente, se fez pobre ao tornar-se homem em Maria.²¹ O segundo, compreende o ser humano empobrecido²² e exposto à miséria²³ física e moral, além de sócio-cultural.²⁴

Detenhamo-nos, brevemente, diante de ambas as dimensões da pobreza na vida humana, vivida por Pozzobon.

a) – A pobreza como virtude social cultivada por João Luiz Pozzobon

A virtude da pobreza foi declarada uma *bem-aventurança* por Cristo, no sermão da montanha.²⁵ Na visão de Jesus, trata-se, aqui, em primeiro lugar, de um *estado de espírito* que leva a pessoa a optar pelo desprendimento voluntário dos bens. Esta renúncia livre e generosa aos bens materiais, na verdade, já constitui uma aproximação solidária das pessoas que, pelo infortúnio sócio-cultural são obrigadas a viver numa condição de penúria e exclusão social.

Segundo o ensinamento da Igreja²⁶ e a experiência secular da vida monástica, a opção voluntária pela virtude da pobreza, favorece a liberdade interior e uma dedicação maior à vida de oração e contemplação. Além do mais, leva à prática das demais virtudes,²⁷ em especial, da caridade.

Este é o caminho escolhido²⁸ pelos membros da Vida Religiosa e Consagrada; seu objetivo é chegar à perfeição e à santidade.

No Evangelho, Jesus não prega uma pobreza abstrata, mas, concreta: *“Bem-aventurados vós, os pobres porque vosso é o Reino de Deus; ... que agora tendes fome porque sereis saciados; ... que agora chorais porque haveis de rir; ... quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem e insultarem e prosciverem vosso nome como infame por causa do Filho do Homem.”*²⁹

Em Jesus a motivação da pobreza é, pois, a sua própria Pessoa e o Reino de Deus,³⁰ que tem o amor por base. Em Mateus, Jesus mesmo é o pobre, o despido, o faminto, porém,³¹ na pessoa do ser humano carente Ele se torna visível. E, como se pode perceber, a pobreza evangélica, anunciada por Jesus, não é nem moralista e nem antropocentrista, mas, centrada na sua Pessoa como o Deus Encarnado.³²

Por isso, para Jesus a pobreza não é somente uma libertação espiritual ou moral das cadeias do pecado, mas, sobretudo, uma condição da

Encarnação, como passagem necessária à Ressurreição³³ e preparação para a volta à Casa do Pai. Desta forma, Jesus não se refere, simplesmente, à pobreza de espírito,³⁴ mas ao uso moderado e serviçal³⁵ dos bens da Criação.

Embora, não tendo assumido nenhum vínculo com a pobreza religiosa, João Luiz Pozzobon demonstra uma clara opção por esta compreensão evangélica da pobreza,³⁶ anunciada por Cristo.

Em sua visão singela, voltada para os ensinamentos da Igreja, Pozzobon sabia que a pobreza tem lugar no Mistério de Cristo e, por isso, também, no Mistério da Igreja. Eis a razão, porque opta por não acumular tesouros às custas de seus clientes e concidadãos.

Na sua atividade de comércio, mesmo tendo a possibilidade de elevar o preço de produtos escassos, em razão da Guerra Mundial,³⁷ ele se decide, voluntariamente, a cobrar apenas o justo, para servir e não penalizar as famílias. Assim, nos mostra com sua vida prática, que a honestidade é uma decorrência do comprometimento com a pobreza evangélica.

É nesta perspectiva do correto relacionamento com os bens materiais,³⁸ motivada por um profundo cultivo religioso e moral, nos cabe buscar o *argumento* sócio-pedagógico do seu método de educação dos pobres, como foi desenvolvido e aplicado por Pozzobon, junto às famílias da Vila Nobre da Caridade.

Além do mais, este método novo e original foi reforçado pela sua sadia devoção a Maria,³⁹ haurida da espiritualidade e pedagogia do Movimento Apostólico de Schoenstatt. Em seu Testamento Espiritual,⁴⁰ Pozzobon nos indica uma importante pista desta afirmação, quando diz:

“Objetivo atual é salvar a família com as nossas forças de santificação: imitar Maria; ser um reflexo da justiça cristã, (viver) um pelo outro, para uma nova conquista da dignidade e respeito da

pessoa humana, com seus valores; e fazer encontro com os mais necessitados. Colocar-se à disponibilidade de Deus!”

b) – A educação dos pobres como objetivo social de João Luiz Pozzobon

Nesta perspectiva do argumento sócio-pedagógico de João Luiz Pozzobon, a nossa reflexão volta-se agora para a sua relação com o homem pobre.⁴¹ Foi justamente para prestar sua ajuda às famílias carentes que ele criou a Vila Nobre da Caridade.⁴² Porém, qual o objetivo último que o levou a construí-la?

Na verdade, a Vila não foi um projeto premeditado por ele. O contato com as famílias carentes deu-lhe a convicção de que Deus queria a construção das casinhas. Com esta iniciativa, podia contribuir para uma solução eficaz dos problemas sociais que atingiam algumas famílias, de uma forma mais aguda nos arredores de Santa Maria.

Além disso, a intuição lhe mostrou, que Deus queria usá-lo como instrumento para realizar os postulados da Doutrina Social da Igreja, formando o *“homem novo para uma nova ordem social”*,⁴³ como o havia aprendido dos ensinamentos do Pe. José Kentenich.

Uma observação atenta do relacionamento educativo de Pozzobon com as famílias carentes da Vila Nobre da Caridade,⁴⁴ bem como, do regulamento⁴ traçado por ele para os moradores da Vila nos mostra que, o objetivo não era, apenas, proporcionar-lhes uma moradia decente e o sustento necessário para a sua sobrevivência. Pozzobon visava, acima de tudo, a promoção a dignidade da pessoa humana no seu todo,⁴⁶ como o requer a Doutrina Social da Igreja. Trata-se, pois, de um humanismo integral e solidário, cultivado por um método pedagógico de educação sócio-cultural, em combinação com uma verdadeira espiritualidade social.

Por outro lado, Pozzobon sabia por experiência que este é um trabalho de muita dedicação, paciência e perseverança. Por isso, a sua presença educativa

na Vila Nobre da Caridade⁴⁷ era regular e constante, com um acompanhamento pessoal de cada família e de cada pessoa individualmente. Tratava-se de um verdadeiro processo pedagógico-social, baseado em vínculos pessoais e num incentivo constante ao crescimento, à auto-ajuda e à libertação do estado de carência sócio-cultural, bem como, religioso-moral reinante na família..

Em verdade, na Vila Nobre da Caridade pode ser observado, de uma forma muito simples e prática, todo o método da pedagogia do Ideal,⁴⁸ como foi desenvolvido pelo Pe. Kentenich. Assim, por exemplo, cada casinha levava o nome de uma flor e na entrada a família cultivava um pequeno jardim;⁴⁹ partindo da Capelinha Azul, as Estações da Via-Sacra se sucediam, ao longo do caminho, à frente das casas; as celebrações religiosas e as romarias eram feitas regularmente com a participação de todos os moradores...

Portanto, num espaço pequeno, Pozzobon logrou cultivar uma verdadeira pedagogia social, fundada em vínculos naturais e sobrenaturais. É este processo educativo que sua filha, Da. Nair de Souza,⁵⁰ a primeira Professora da Vila Nobre da Caridade, descreve em seu depoimento:

“Meu pai era uma espécie de educador dos pobres. Ali na Vila eles aprendiam com ele a trabalhar e a valorizar a vida. Eram pessoas que não tinham noção do trabalho. Outras tinham noção, mas, faltava-lhes a vontade de trabalhar. Ele lhes dava muito estímulo e muitas pessoas se fizeram ali dentro da Vila. Ensinadas por meu pai, elas aprendiam a cultivar as suas pequenas hortas, atrás das casinhas.”

Porém, como um bom mestre nesta escola social, Pozzobon também sabia fazer da disciplina uma um esteio para um aprendizado sólido. Sua filha Nair segue explicando:

“As pessoas tinham que andar na linha, ou então, sair da Vila. Meu pai era muito pela moral. Se houvesse coisas erradas lá dentro, ele não o tolerava. Na Vila havia um regulamento⁵¹

. *Se alguém não o observasse, devia deixar a Vila.*”

Com estes processos educativos exigentes, Pozzobon perseguia o fim último de sua pedagogia social. Quase no formato de uma empresa moderna, fez constar no centro da Vila, gravado na Ermida⁵² da Mãe Rainha, junto à última Estação da Via-Sacra, a Missão: “*Viver e ensinar a viver*”.

Da. Nair, a primeira professora da Vila Nobre da Caridade,⁵³ mostra-nos como seu pai levava os moradores da Vila a realizá-la na vida prática do dia-a-dia:

“As famílias também tinham um tempo para ficar lá. Depois, meu pai dava um jeito de arrumar um outro lugar para morar. Isso, para que realmente aprendessem a viver. Por isso, a Vila era um tipo de escola, onde as famílias carentes aprendiam a viver”.

Importante:

Num dos quadros que, ainda hoje, constam no interior da Capelinha Azul da Vila, Pozzobon fez constar os objetivos da mesma:

*FUNDAÇÃO DA VILA NOBRE DA CARIDADE DA MAE E RAINHA,
01.05.54, CERRITO, COM ESTA FINALIDADE:*

- 1. Construir casinhas para abrigar aqueles que não têm pela sua sorte pobre.*
- 2. Gratuito por um tempo conforme combinado ou por um ano, cada tempo vencido o interessado deverá renovar novamente o pedido para continuar a morar.*
- 3. Auxiliar em casos especiais e reconhecidos na medida do possível.*
- 4. Legalizar na Lei Civil e da Igreja tornando um cidadão brasileiro.*

5. *Legalizar na Religião Católica, tornar-se um filho de Deus e da Pátria.*
6. *Escola as crianças serão ajudadas na medida do possível.*
7. *Ensinar trabalhar se for necessário.*
8. *Viver um espírito de uma só família.*

*O Pobre Diácono João Luiz Pozzobon
(Registrado em Cartório)*

(Cf. Arquivo João Luiz Pozzobon, Regulamento da Vila Nobre da Caridade, Pasta 327, 360/CANm.)

**REGULAMENTO DA VILA NOBRE DA CARIDADE DA
MÃE E RAINHA, ORIENTADO PELO MINISTÉRIO DO
TRABALHO.**

1. Dar seu nome e da esposa, quantos filhos e a residência.
2. Receber a casa, reparar bem para quando entregar nas mesmas condições.
3. Conservar limpo e plantar.
4. Viver como família e respeito.
5. Não pode dar pousadas a não ser aos familiares e conhecidos.
6. Não dar confiança nos andarilhos, para não serem logrados.
7. As viúvas viver como verdadeiras viúvas, criar seus filhos.
8. Não pode fazer bailes, só, alegrias lícitas, cantos e músicas para não ser prejudicados seu estado pobre da vida.
9. Respeitar os vizinhos das redondezas.

10. O mal intencionado deve submeter-se a duas coisas: Mudar de sistema ou de casa e recebe o aviso desocupar em 30 dias.
11. Não pode haver abusos e desafios por bebedeiras ou liberdade de palavras imorais.
12. Cada um é obrigado acusar, quando há procedimentos imorais que venha prejudicar as famílias.
13. Não fazer queixas por qualquer coisa, procurar entrar num acerto amigável.
14. Ocupar polícia só em último caso.
15. Cada morador dia 1. de maio renovar a cada ano morada por um ano conforme combinado o interessado faz o pedido.
16. Os moradores da Vila Nobre recebem famílias com crianças só até a idade de 14 anos
 - depois não tem mais sentido, pode procurar outro lugar de mais futuro e trabalhar.
17. O beneficiado se obriga a participar do Encontro Dominical
 - Assistência Religiosa.
18. Não podem introduzir outras religiões.
19. São proibidos jogos de azar, só recreativos.
20. Criação, só fechada.
21. Não atravessar propriedades e respeitar.
22. As casas só podem ficar fechadas 15 dias, se for a mais perde o direito de morar.
23. Um acréscimo de um artigo aos beneficiados da Vila Nobre da Caridade referente a criação, aos moradores da Vila criar galinhas ou porcos ou outros animais que possa causar prejuízos aos lindeiros, somente fechados na suas encerras, e quem assim não quer recebe o aviso para entregar a casa. Procurar um lugar com largueza para fazer sua criação. Por causa da criação, houve ameaças de levar ao

conhecimento das leis civil e sofre as penas.

Pobre Diácono João Luiz Pozzobon
(Registrado em Cartório)

3. João Luiz Pozzobon frente à Doutrina Social da Igreja

Pozzobon jamais leu os Documentos Sociais⁵⁴ dos últimos Papas, nem o Compêndio da Doutrina Social da Igreja⁵⁵ e, menos ainda, os tratados sociológicos da literatura moderna. Onde lhe vem, então, sua clareza sobre a questão social da humanidade de hoje e sua resposta criativa aos problemas sócio-culturais e religioso-morais, através da Vila Nobre da Caridade?

Precisamos buscar as raízes de sua visão sociológica. Pozzobon foi, em primeiro lugar, um filho da cultura cristã do povo italiano. Os imigrantes estabelecidos no Planalto Central do Rio Grande do Sul, onde formaram a Quarta Colônia, trouxeram consigo poucas posses materiais, porém, usos e costumes extremamente sólidos e rígidos, embora, sadios.

Nos inícios de sua fixação às terras brasileiras experimentaram as agruras da pobreza⁵⁶ e, até mesmo, da fome. Assim, a ajuda mútua e a solidariedade⁵⁷ tornaram-se uma característica de sua convivência comunitária.

Além do mais, as famílias imigrantes eram sumamente fiéis aos ensinamentos da Igreja Católica. Inseridas na comunidade paroquial, mantinham-se atentas às orientações de seus Pastores. Estes, por sua vez, vindos também da Itália, transmitiam aos seus fiéis as primeiras elaborações da Doutrina Social da Igreja, através da Encíclica Rerum Novarum, do Papa Leão XIII.

Foi esta primeira semente da Doutrina Social da Igreja que caiu na alma de João Luiz Pozzobon. E, ao participar da vida religiosa, em torno da Capela São Pedro do Ribeirão, pertencente à Paróquia de Vale Vêneto,⁵⁸ bebeu

avidamente os ensinamentos da Igreja. Ali, os Padres Palotinos transmitiam-nos, com responsabilidade pastoral, e ensinavam os colonos a socorrer os mais pobres e necessitados.

Assim, após estabelecer-se em Santa Maria, no Km 3, João Luiz Pozzobon aplicou esta bagagem de conhecimentos sócio-culturais à própria vida familiar⁵⁹ e, também, ao trabalho⁶⁰ profissional. Desta forma, pode comprovar-se como um pequeno comerciante bem sucedido e honesto.⁶¹ Era cumpridor dos compromissos contraídos com seus credores, fazia da profissão um serviço ao próximo e não uma fonte de enriquecimento próprio. Portanto, além de cultivar um único padrão de conduta, Pozzobon orientava-se nos princípios éticos e morais, hauridos de forma intuitiva e prática da Doutrina Social da Igreja. Mesmo sem jamais ter feito alguma reflexão teológica,⁶² sabia que “*a Doutrina Social é parte integrante do Ministério da Evangelização da Igreja*”.

Pozzobon intuía, também, que “*situações e problemas referentes à justiça, à liberdade, ao desenvolvimento, às relações entre os povos, à paz*”, estão relacionados com o Evangelho de Jesus. Além do mais, tinha clareza de que a evangelização “*não seria completa, se não levasse em conta o recíproco apelo que continuamente se fazem o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem.*”

Para nos darmos conta desta intuição social de João Luiz Pozzobon, fixemo-nos em mais um momento de sua atividade social, junto às famílias da Vila Nobre da Caridade. Depois de 25 anos de sua existência, em 1979, os Bispos do CELAM realizavam no México, em Puebla, a Conferência da Igreja da América Latina.⁶³

A Pozzobon não passou despercebido este esforço dos Bispos, em aplicar os postulados da Doutrina Social da Igreja à realidade da sociedade na América Latina, onde verdadeiros bolsões de empobrecimento e marginalização estão se formando a cada ano que passa. Novamente, sem condições de poder estudar os Documentos do Episcopado,⁶⁴ busca unir

este evento latino-americano ao projeto pedagógico-social da Vila Nobre da Caridade.

Ali, junto à última Estação da Via-Sacra que, hoje,⁶⁵ tem início junto ao Santuário da Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt e termina na Vila Nobre da Caridade, Pozzobon ergueu uma Ermida,⁶⁶ contendo a inscrição: “*Mãe e Rainha de Schoenstatt. Ermida do **Pequeno Puebla**. Viver e ensinar a viver. 10.2.80*”⁶⁷

Cinco anos após, já no final de sua vida,⁶⁸ Pozzobon quis registrar, mais uma vez, seu acompanhamento intuitivo mas atento da realização da Doutrina Social da Igreja, mediante a sua “*Forçada Campanha do Santo Terço*”.⁶⁹ No último quadro do seu relatório anual das atividades da Campanha, no ano 1985, registrou o lema⁷⁰ de ano: “*Maria é minha luz, caminho seguro, liberta e transforma*”.

Neste lema ecoa seu posicionamento positivo frente à Teologia da Libertação,⁷¹ fortemente em discussão na Diocese de Santa Maria, naquele período pós-conciliar da Igreja. Isto nos mostra que João Luiz Pozzobon simplesmente estava imbuído do espírito da Doutrina Social da Igreja, em todas as suas atividades apostólicas e sociais.

Além do mais, estes sinais palpáveis da sua relação com os ensinamentos sociais da Igreja demonstram como era sensível aos problemas da sociedade contemporânea. Mostram-nos, também, o quanto intuía a aplicação da Doutrina Social da Igreja à realidade social das pessoas em especial das famílias carentes como um caminho eficaz de sua recuperação.

E, para penetrar no conteúdo dos ensinamentos sociais da Igreja, nem a barreira da formação escolar⁷² e tão pouco a deficiência dos olhos, lhe deram motivo suficiente para escusar-se. “*Quem escuta, não envelhece*”, era a sua resposta⁷³.

Conclusão

Este estudo nos leva à convicção de que em João Luiz Pozzobon não estamos apenas diante de um ardoroso apóstolo social que assimilou os postulados da Doutrina Social da Igreja. Mas, ele vai muito além.

Embora, a sua atividade social, junto às famílias carentes da Vila Nobre da Caridade, fosse realizada de uma forma simples e com poucos recursos humanos e financeiros, devemos concluir: Pozzobon criou uma verdadeira escola de educação social, provida de uma pedagogia genial e criativa. Atento aos ensinamentos do Pe. José Kentenich, desde o ano de 1947⁷⁴ até o final de sua vida, o Servo de Deus não apenas viveu exemplarmente a espiritualidade do Movimento Apostólico de Schoenstatt, mas também, soube traduzi-la num método de resgate da dignidade da pessoa humana, levando-a à autonomia e liberdade.

Portanto, além de retirá-la da marginalização, Pozzobon soube levá-la ao caminho da auto-ajuda e realização. E o que mais impressiona é que, nesta Escola Social da Vila Nobre da Caridade, João Luiz Pozzobon logrou despertar, numa das camadas sociais mais difíceis de educar, a vontade e a capacidade de realizar o objetivo último de sua pedagogia social: “*Viver e ensinar a viver*”⁷⁵.

Esta é uma das resultantes criadoras da sua pedagogia social, capaz de levar a família a ser novamente “*protagonista da vida social*”, como o postula a Doutrina Social da Igreja. Não é, pois, sem razão que, em muitos países e diversas regiões do Brasil, surjam sempre novas obras sociais, motivadas e inspiradas neste modelo pedagógico social criado por João Luiz Pozzobon.

Contudo, não se trata apenas do modelo organizatório – que hoje já não existe mais no local da Vila Nobre da Caridade – e, sim, do seu espírito e caráter de caso preclaro de uma Escola Social bem sucedida, que segue despertando a admiração e novas iniciativas, entre aqueles que buscam contribuir para a solução da questão social em nossa época.

Podemos concluir, pois, afirmando que João Luiz Pozzobon nos proporciona um novo modelo de educação e espiritualidade social, com um caráter original e único. No entanto, seu espírito haurido da Doutrina Social da Igreja e iluminado pela espiritualidade e pedagogia de Schoenstatt, quando aplicado a outras realidades sociais, não só funciona, mas produz frutos semelhantes aos da Vida Nobre da Caridade.

Não é esta a expectativa da Igreja, em busca de uma realização frutuosa da sua Doutrina Social? Não é este o caminho que a sociedade atual necessita para poder superar os graves problemas sócio-culturais e religioso-morais que a afligem?

Que no novo milênio da Encarnação de Cristo,⁷⁶ o Servo de Deus João Luiz Pozzobon nos ensine, a amar e servir os nossos irmãos mais humildes, como ele os amou e serviu!

Notas:

¹ O processo de canonização foi aberto por Dom José Ivo Lorscheiter, então Bispo da Diocese de Santa Maria, RS, em 12 de dezembro de 1994. Nesta data, Pozzobon, falecido em 27 de junho de 1985, completaria 90 anos de nascimento.

² O Arquivo da Causa de Canonização de João Luiz Pozzobon, elaborado por técnicos da Universidade Federal de Santa Maria, registra, apenas, regulamentos, relatórios, cartas e depoimentos sobre a sua atuação prática e concreta no campo questão social, entre os anos 1952 e 1985. Contudo, são fontes valiosas, que revelam a sua visão esclarecida frente à questão social da atualidade; além disso, demonstra o seu acerto na busca de soluções definitivas para os problemas da pobreza, tanto econômica, como moral e cultural.

³ “*Em 1954, fundou, perto da ‘Capelinha Azul’, a ‘Vila Nobre da Caridade’ . Começou construindo, com os pobres do lugar, uma casinha de madeira, propondo-se a levantar uma a cada ano. ‘Moradia gratuita para os pobres’ - explicou-nos. ‘Para educar, saber valorizar-se como pobre, formar cidadãos e, também, para que todos tenham conhecimento da religião’ . Deu-lhe, o Sr. João, o nome de ‘nobre’, uma vez que fizera sua consagração à Mãe de Deus como ‘Guarda Nobre do Santuário’*” (Esteban J. Uriburu, Herói Hoje, Não Amanhã, Santa Maria, 2003, 3ª.ed., p. 70.

⁴ No Chile surgiu a obra social “Maria Ajuda” que busca reeducar meninas de rua, mergulhadas na prostituição; na Argentina criou-se uma fundação social “Maria Constrói” que, através de um sistema de mutirão solidário, ajuda a famílias carentes construir sua moradia própria; no Paraguai, a “Fundação DEQUENI” que trabalha com meninos de rua, a “Fundação PA’IPUCU” que atua em escolas no Chaco paraguaio e a “Fundação EM ALIANÇA” que trabalha com educadores e livros didáticos; no Brasil há diversas iniciativas no campo social, como o Grupo das “Portadoras de Alegria” que se dedica a um múltiplo trabalho social na cidade de Santa Maria, RS. A Obra do Amor Maior, sob a condução do Pe. Antônio Maria em Jaraguá, São Paulo; além do Projeto Social da Província Schoenstatt-Tabor das Irmãs de Maria, com sede em Atibaia (cf. Revista Tabor em Páginas, Ano IX, 2003, ed. 32, p. 12 e Ano X, 2004, ed. 38, p. 30 e ed. 39, p. 23; Ano X, 2005, ed. 40, p. 26 e 27, ed. 41, p. 30 e 31, Ano XI, 2005, ed. 42, p. 28 e 29, ed. 43, p. 30 e 31). Todo este trabalho social, de certa forma, possui uma inspiração no modelo social de João Luiz Pozzobon.

⁵ Nestes últimos vinte anos estamos assistindo, o que João Luiz Pozzobon havia previsto para a sua “Campanha do Terço”

– *“Daqui para frente a Campanha vai avançar como um jato pelo mundo”*

(palavras que ele me disse pessoalmente em nosso vôo para Buenos Aires, no dia 08 de junho de 1985, poucos dias antes de sua morte)

– um forte desenvolvimento de sua Obra. Contudo, até hoje, as reflexões sobre sua Pessoa e Obra apenas vinham sendo feitas num âmbito popular, como é o caso dos Encontros de 1988 e 1989 para a elaboração do, assim chamado, “Documento de Consenso” (Santa Maria, 1991), bem como, o Congresso do Centenário de João Luiz Pozzobon, em Santa Maria, de 03 a 06 de setembro de 2004. Além disso, o Pe. Esteban J. Uriburu publicou diversos livros, entre eles a Biografia Científica para a Causa de Canonização, sobre o Servo de Deus. Alguns deles estão publicados em português, alemão, inglês e espanhol. Porém, é somente agora, que esta Equipe de Peritos tenta trazer a reflexão sobre Vida e Obra de Pozzobon para um debate acadêmico e teológico.

⁶ Esteban J. Uriburu, 140.000 Km a caminho com a Virgem, Santa Maria, 2005, 2ª.ed, p. 25).

⁷ O próprio Pe. José Kentenich formulava, nas suas palestras sobre os Princípios Gerais da Doutrina de Schoenstatt, entre os anos 1927 e 1929, o objetivo do Movimento Apostólico de Schoenstatt, com os seguintes termos:

“O Movimento é uma obra e um instrumento eleito nas mãos da querida Mãe de Deus, para a renovação religioso-moral do mundo em Cristo” (cf. Herter Schlosser, Allgemeine Prinzipienlehre der Apostolischen Bewegung von Schoenstatt, Vallendar-Schoenstatt, 1999, p. 28).

⁸ A partir do ano 1951, o Movimento passou a ver o seu objetivo concentrado na realização de “*tarefas religioso-eclesiais e sócio-culturais*” num mundo em transformação. Mais tarde, no ano de 1962, este objetivo é relacionado, exclusivamente, com a tríade do “*homem novo na nova comunidade de caráter apostólico universal (ou de uma nova ordem social), a missão salvadora do Ocidente e a Confederação Apostólica Universal (CAU)*” (cf. Joachim Schmiedel, in: Schönstatt-Lexikon, Vallendar-Schoenstatt, 1996, p. 443).

⁹ No dia 1º de maio de 1991, João Paulo II, publicou outra grande Encíclica Centesimus Annus, em homenagem ao transcurso dos 100 anos da Encíclica Rerum Novarum de Leão XIII, publicada no final do século XIX, em 1891.

¹⁰ São cinco importantes áreas em que o Pe. Kentenich baseia a proposta de sua Nova Ordem Social Cristã: 1) Pedagogia de valores e etos de trabalho; 2) doutrina do organismo (orgânico em oposição ao mecanicista no pensar) e leis orgânica (por exemplo, polaridade, solidariedade, subsidiaridade); 3) leis de organização (o princípio de governo, a lei de construção, o princípio de unidade e entendimento, mais adiante as leis de governo do mundo, de ordem do mundo, de aperfeiçoamento do mundo e de adaptação ao mundo); 4) autoridade e liberdade; 5) fé prática na Providência (cf. Edith Raidt, *Christliche Unternehmensführung nach Pater Josef Kentenich*, Vallendar-Schönstatt, 1991, p. 22).

¹¹ Em suas jornadas sobre uma “Nova Ordem Social Cristã”, o Pe. Kentenich assinala que a Igreja teve culpa, pela perda de oportunidade de formar lideranças cristãs à altura dos desafios do tempo. Ele diz textualmente:

“Nós perdemos, falhamos por não imprimirmos à consciência pública, sobretudo ao capitalismo, o princípio da justiça e do amor. Nós perguntávamos: Onde está o limite, e aliás o limite do pecado? O que ainda é permitido? Entre os primeiros cristãos era diferente... Nós não conseguimos formar homens que pudessem pôr as mãos nas rodas do tempo. Nós não criamos e desenvolvemos uma força propulsora. Marx soube fazê-lo, inteiramente sem o apoio da Universidade e do Estado...”

(Cf. Edith Raidt, *Christliche Unternehmensführung nach der Konzeption Pater Josef Kentenichs*, Vallendar-Schönstatt, 1991, p. 21s.).

¹² A espiritualidade do Movimento Apostólico de Schoenstatt funda-se, no assim chamado, “tripé” da Piedade de Aliança, da Piedade de Instrumento e da Santidade de Todos os Dias (cf. Pe. José Kentenich – M. A Nailis, *Santidade de Todos os Dias*, Santa Maria, 1986, p. 17).

¹³ Cf. Padre Kentenich, *Linhas Fundamentais de uma Pedagogia Moderna para o Educador Católico*, Santa Maria, 1984.

¹⁴ Esteban J. Uriburu, 140.000 Km a caminho com a Virgem, Santa Maria, 2005, ed. 2ª. p 21ss.

¹⁵ Esteban J. Uriburu, 140.000 Km a caminho com a Virgem, Santa Maria, 2005, ed. 2. p. 27.

¹⁶ Cf. Esteban J. Uriburu – Mario V. Tubert, Joao Luiz Pozzobon, 1999, p. 113: “*Así nació la Vila Nobre da Caridade, uno de los emprendimientos a los cuales Joao dará su especial dedicación y su amor durante más de treinta años, hasta el día de su muerte. Precisamente su última labor apostólico tenía que ver con la Vila: preparar el Via Cucis que debía unir el Santuario Tabor con la Vila Nobre*”.

¹⁷ „Die katholische Soziallehre ist nach ihrem Inhalt und in ihrer Entwicklung ein organisch gewachsenes, geordnetes Ganzes. Sie ist auf „Kontinuität“ angelegt, d.h. auf Zusammenhang und Stetigkeit” (Pe. Eberhard Welty, Die Sozialenzyklika Papst Johannes XXIII – Mater et Magistra – S. 10).

¹⁸ Esteban J. Uriburu, 140.000 Km a caminho com a Virgem, Santa Maria, 1985, p. 187.

¹⁹ Cf. Paul Gauthier, O Concílio e a Igreja dos Pobres, Petrópolis, 1967, p. 13 -22.

²⁰ “*A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha que convoca a comunicar e partilhar os bens materiais e espirituais, não por coação mas por amor, para que a abundância de uns venha em socorro das necessidades dos outros*” (Catecismo da Igreja Católica, São Paulo, 1993, 3. ed., p. 634, § 2833).

²¹ *Pela pobreza, o homem se libera e pode dedicar-se à oração e à prática das virtudes. O que é próprio ao cristão é que ele busca a pobreza por imitação a Jesus, que praticou a pobreza, por docilidade a Ele que a pregou*” (Paul Gauthier, O Concílio e a Igreja dos Pobres, Petrópolis, 1967, p. 13).

²² Cf. Paul Gauthier, O Concílio e a Igreja dos Pobres, Petrópolis, 1967, p. 23-41.

²³ “*Não se dê aos homens o escândalo de haver algumas nações, geralmente de maioria cristã, na abundância, enquanto outras não têm sequer o necessário para viver e são atormentadas pela fome, pela doença e por toda a espécie de misérias. Pois o espírito de pobreza e de caridade são a glória e o testemunho da Igreja de Cristo*” (Concílio Vaticano II, Braga, 1976, 7.ed., p. 415, Gaudium et Spes, 88).

²⁴ “*O Evangelho não fala senão uma vez de pobreza (‘pobres de espírito’, Mt 5,2), mas, noventa e três vezes dos pobres. O termo abstrato ‘pobreza’ aí não existe*” (Paul Gauthier, O Concílio e a Igreja dos Pobres, Petrópolis, 1967, p. 23).

²⁵ “*Felizes os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus*” (Mt 5,3).

²⁶ Desta prática da pobreza, como virtude evangélica, Jesus Cristo mesmo se tornou um exemplo e modelo, no momento de sua entrada neste mundo, preferindo nascer no despojamento de um estábulo (cf. Lc 2,7) e vivendo 30 anos, entre as famílias pobres de Nazaré (cf. Lc 2,51) Além disso, fez da virtude da pobreza um objetivo central de sua doutrina evangélica (cf. Fil 2,5-11).

²⁷ O Catecismo da Igreja Católica ensina: “*A perfeição da caridade, à qual todos os fiéis são chamados, comporta para os que assumem, livremente, o chamado à vida consagrada, a obrigação de praticar a castidade no celibato pelo Reino, a pobreza e a obediência. É a profissão desses conselhos em um estado de vida estável, reconhecido pela Igreja, que caracteriza a ‘vida consagrada’ a Deus*” (Catecismo da Igreja Católica, São Paulo, 1993, 3. ed., § 915).

²⁸ O Catecismo da Igreja Católica, no § 873, diz: “*Em ambas as categorias (hierarquia e leigos) há fiéis que, pela profissão dos conselhos evangélicos, consagram-se, no seu modo especial, a Deus e servem à missão salvífica da Igreja; seu estado, embora não faça parte da estrutura hierárquica da Igreja, pertence, não obstante, à sua vida e santidade*”.

²⁹ Lc 6,20-22: “*Felizes sereis, quando os homens vos odiarem, expulsarem, insultarem e amaldiçoarem o vosso nome por causa do Filho do Homem...*”

³⁰ Cf. Paulo Gauthier, *O Concílio e a Igreja dos Pobres*, Petrópolis, 1967, p. 13-22.

³¹ Cf. Mt 25,31-46: “*Em verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizeste*”.

³² O biógrafo de Charles de Foucoud nos transmite uma lindíssima oração que bem expressa este centralismo na Pessoa de Jesus: “*Meu Senhor Jesus, como logo será pobre aquele que, amando-vos de todo o seu coração, já não tolera ser mais rico que seu Bem-Amado... (...). Meus Deus, não sei se é possível a certas almas ver-vos pobre e, de bom grado, se manterem ricas, verem-se a tal ponto maiores que seu Mestre, que seu Bem-Amado, não desejando assemelhar-se a vós em tudo quanto delas depende e assemelhar-se, principalmente, em vossa humilhação. Com força desejo que elas vos amem, meu Deus, entretanto creio que falte alguma coisa em seu amor, e, em tudo o caso, a mim não é concebível o amor sem uma necessidade, uma necessidade imperiosa de conformar-se, de assemelhar-se e, sobretudo, de saber compartilhar todas as penas, toda as dificuldades, todas as durezas da vida*” (Jean-François Six, *Vie de Charles de Foucoud*, Ed. Du Seuil, Paris, 1962, p. 72).

³³ É o que São Paulo expressa no seu Hino em sua Carta aos Filipenses (cf. Filip 2,6-11).

³⁴ Também, a isso São Paulo adverte os fiéis na sua segunda Carta aos Coríntios (cf. 2 Cor 8,9-13).

³⁵ Cf. Pe. José Kantenich – M. A. Nailis, *A Santidade de Todos os Dias*, Santa Maria, 1986, p. 185-222.

³⁶ Cabe ao Tribunal do Processo de Canonização do Servo de Deus examinar, se ele viveu realmente em grau heróico esta virtude da pobreza evangélica. Ele será um dos passos deste Processo, a declaração da heroicidade de virtudes de João Luiz Pozzobon.

³⁷ Ele nos conta: *“Eu poderia ser um homem rico, mas, só aplico a margem de benefício que é legítimo. E não fazia como muitos que compram a mercadoria por um preço e vendem, depois, pelo dobro. E sempre tinha consciência de não pretender o que pertence aos outros”* (cf. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, *João Luiz Pozzobon...*, p. 48).

³⁸ Cf. Esteban J. Urriburu, *Herói Hoje, Não Amanhã*, Santa Maria, 2003, ed. 2ª., p. 70.

³⁹ Cf. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, *João Luiz Pozzobon...*, p. 303.

⁴⁰ Esteban J. Urriburu, *140.000 Km a caminho com a Virgem*, Santa Maria, 2005, 2ª. ed., p. 146.

⁴¹ Portanto, a nossa pergunta frente à questão social é esta: “Não, qual a relação que o homem pobre deve estabelecer com Cristo para ser salvo, mas sim, qual a relação que o Salvador mantém com o homem pobre?” (Paul Gauthier, *O Concílio e a Igreja dos Pobres*, Petrópolis, 1967, p. 25).

⁴² *“Em 1954, fundou, perto da ‘Capelinha Azul’, a ‘Vila Nobre da Caridade’. Começou construindo, com os pobres do lugar, uma casinha de madeira, propondo-se a levantar uma a cada ano. ‘Moradia gratuita para os pobres’- explicou-nos. ‘Para educar, saber valorizar-se como pobre, formar cidadãos e, também, para que todos tenham conhecimento da religião’. Deu-lhe o Sr. João o nome de ‘nobre’, uma vez que fizera sua consagração à Mãe de Deus como ‘Guarda Nobre do Santuário’”* (Esteban J. Urriburu, *Herói Hoje, Não Amanhã*, Santa Maria, 2003, 3ª. ed., p. 70).

⁴³ Cf. Schönstatt-Lexikon, Vallendar-Schoenstatt, 1996.

⁴⁴ O Sr. Germano Arendes, Irmão de Maria de Schoenstatt e um dos orientadores espirituais de João Luiz Pozzobon, nos dá um rico depoimento sobre a origem do nome da Vila: “*Por que este nome Vila Nobre da Caridade? Por que “Nobre”? A palavra “nobre” parte do ideal de grupo dos homens do qual ele participou; em si, o primeiro grupo de homens do Movimento de Schoenstatt do Brasil que escolheu como ideal: Guarda Nobre do Santuário.*” (Palestras dadas no final dos anos 80, manuscrito).

⁴⁶ Cf. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, Compêndio da Doutrina Social da Igreja, São Paulo, 2005, p. 17 a 24.

⁴⁷ Num dos quadros expostos na Capela Azul da Vila, lê-se:
VILA NOBRE DA CARIDADE DA MAE E RAINHA, fundada em 1º. de maio de 1954, com estas finalidades: construir casinhas para abrigar os mais pobres e necessitados pela sua sorte pobre, moradas gratuitas como impulso para encaminhar a família, ajudar se for necessário, a formar cidadão brasileiro com os seus documentos legais, registros das crianças, casamentos pela lei civil, ficar conhecido e valorizado para que a pessoa do pobre seja valorizada com o seu esforço sincero e responsáveis, empregar seus esforços para o sustento da família no espírito de promoção. A Vila também se compromete legalizar pela parte religiosa e formar bons católicos, ajudar nos batismos e casamentos, auxiliar nas doenças quando a Vila está em condições nas finalidades primeiro e dar morada gratuita para vier num espírito de irmãos, ninguém é escravo, formar o homem livre.

Assinado:
Pobre Diácono João Luiz Pozzobon

⁴⁸ Pe. José Kentenich, Linhas Fundamentais de uma Pedagogia Moderna para o Educador Católico, Santa Maria, 1984, p. 141ss.

⁴⁹ Numa carta dirigida ao seu Diretor Espiritual, Pe. Aquiles Rubin, no dia 16 de setembro de 1955, Pozzobon escrevia:

JARDIM DA JUVENTUDE

Entre as maravilhas das flores, uma sempre sobressai das outras, que todas admiram. Logo os olhos dizem: que linda flor! É a mais bonita de todas. Como é atraente, vou chegar perto. Eu a estimo e amo. Não a vou tocar. Quero imaginá-la sempre bonita. Se eu tocá-la, é certo que perderá um pouco de sua cândida cor branca e algumas das folhas podem ficar imperfeitas. Por isto, não vou tocá-la. Se eu a amo, só posso admirá-la com os olhos. Se eu não a amo, logo trato de tocá-la. Não me importa, que ela não se conserve perfeita. Quando a toquei, logo a vi quebrada, a parte fraca que agia. Não era minha atitude de amor para com ela. Se eu nesta flor

imagino a beleza de Maria, ou sua Santa Imagem, nunca que a parte fraca me venceria. Quando eu considero esta flor, como uma esposa, ou como um esposo, que nela posso ver a imagem de Jesus ou de Maria. Sou feliz e vivo entre as flores, preparando a longa viagem para o jardim da eternidade.

João Luiz Pozzobon (Cf. Arquivo João Luiz Pozzobon).

⁵⁰ Revista Tabor em Páginas, Ano X, 2004, N. 37, p. 9. (Cf. Cf. Arquivo João Luiz Pozzobon, Regulamento da Vila Nobre da Caridade, Pasta 327, 360/CANm).

⁵² No texto gravado na pequena placa ao pé da Imagem da Mãe Peregrina consta: *“Mãe Rainha de Schoenstatt. Ermida do pequeno Puebla. Viver e ensinar a viver. 12/2/80”*.

⁵³ Revista Tabor em Páginas, Ano X, 2004, N. 37, p. 8 e 9.

⁵⁴ Leão XIII, *Rerum Novarum*, São Paulo, 1965; João XXIII, *Mater et Magistra*; Paulo VI, *Populorum Progressio*, São Paulo, 1967; João Paulo II, *Laborem Exercens*, São Paulo, 1984 e *Sollicitudo Rei Socialis*, São Paulo, 1988.

⁵⁵ Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, São Paulo, 2005.

⁵⁶ Cf. P. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, *João Luiz Pozzobon, Peregrino y Misionero de Maria*, Córdoba, 1999, p. 16ss.

⁵⁷ *Idem*, p. 19.

⁵⁸ João Luiz Pozzobon freqüentava a Comunidade de Ribeirão, hoje, pertencente à Paróquia de São João do Polêsine. Ali Pozzobon foi batizado, na festa da Epifania de 1904; ali realizou seu casamento com Thereza Turcato, no dia 21 de abril de 1928.

⁵⁹ Cf. Depoimento da filha Nair de Souza, em *Revista Tabor em Páginas*, Ano X, 2004, N. 37, p. 8.

⁶⁰ Cf. *A vinculação ao trabalho*, em Pe. José Kentenich – M. A. Nailis, *Santidade de Todos os Dias*, Santa Maria, 1986, p.155ss.

⁶¹ Cf. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, *João Luiz Pozzobon...*, p. 48 e 49.

⁶² Cf. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, São Paulo, 2005, p. 48.

⁶³ CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla*, Texto Oficial, São Paulo, 1979.

⁶⁴ Cf. Conclusões da Conferência de Puebla, Texto Oficial, 1979, 352 a 357.

⁶⁵ Desde 1954, João Luiz Pozzobon vinha alimentando o desejo de colocar as 15 Estações da Via-Sacra ao longo do caminho que separa o Santuário da Mãe Rainha de Schoenstatt e a Vila Nobre da Caridade, trecho este que chamava, o “*caminho da vida*”. Mesmo deixando as Imagens das Estações prontas, a Via-Sacra somente foi erigida, após a sua morte.

⁶⁶ P. Esteban J. Uriburu – Mario V. Tubert, Joao Luiz Pozzobon, Peregrino y Misionero de Maria, Córdoba, Arg., 1999, p. 99 e 113.

⁶⁷ Cf. Revista Tabor em Páginas, Ano X, 2004, No. 37, p. 8 e 9.

⁶⁸ João Luiz Pozzobon faleceu no dia 27 de junho de 1985, atropelado por um caminhão, no entroncamento da Av. Osvaldo Cruz com a Av. Nossa Senhora das Dores, bem próximo ao Santuário da Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, para onde se dirigia, em meio a uma espessa neblina, para participar da Santa Missa. Onde tombou, inicia a Rua Padre Kentenich que, na sua outra extremidade, próximo ao Seminário Maior Palotino, leva à Vila Nobre da Caridade. A este caminho, por onde quis que passasse as 15 Estações da Via Sacra, que inicia no Santuário e conclui na Vila Nobre da Caridade, chamava de “*Caminho da vida*”.

⁶⁹ Assim, ele chamava a sua Campanha, iniciada em 10 de setembro de 1950 e que, hoje, é conhecida no Brasil como “Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt”.

⁷⁰ Cf. Esteban J. Uriburu – Mario V. Tubert, Joao Luiz Pozzobon..., p. 363.

⁷¹ Na sua Conferência em Puebla (27/01 a 13/02 de 1979), os Bispos da América Latina insistiam que a libertação deve ser integral (141, 321, 475, 480, 696, 895, 1134), verdadeira (281, 452, 979), verdadeira e integral (189), cristã (481, 482, 488, 489), genuína e cristã (1026); além disso, para ser, exatamente, uma Teologia da Libertação, ela deve dar-se em Cristo, no desígnio global da salvação (479), oferecida por Cristo (353-354), fazendo assim parte essencial do conteúdo da evangelização (351), podendo ser entendida como “promoção humana” (355). E era isso que João Luiz Pozzobon fazia na sua Vila Nobre da Caridade (cf. Artigo da Revista Tabor em Páginas, Ano X, 2004, No. 37, Nair de Souza, João Luiz Pozzobon um pai de família exemplar e um educador dos pobres).

⁷² Além de possuir uma formação escolar que não passava do 4º. ano primário, Pozzobon carregou consigo, desde os seus 16 anos, uma forte deficiência visual, que o impediu de prestar seu serviço militar e de ler a Bíblia, os documentos da Igreja e a literatura do Movimento Apostólico de Schoenstatt. Contudo, sua inteligência intuitiva o levou a

inserir em sua pastoral evangelizadora da “Campanha do Terço”, uma aplicação pedagógica e criativa dos princípios fundamentais da doutrina social da Igreja. (Cf. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, João Luiz Pozzobon..., p. 113s.).

⁷³ Segundo a filha, Da. Nair de Souza, seu pai estava voltado para a dupla carência destas famílias recolhidas na Vila Nobre da Caridade: *“Meu pai também me pediu para ajudá-lo na Vila Nobre da Caridade. Como viu a necessidade de dar instrução àquelas famílias pobres que não tinham formação familiar e nem religiosa, então, ele e o Pe. Gabriel Bolsan tiveram a idéia de me tornar professora da Vila. Eu não era formada. Mas, tinha condições de dar aulas. Fui, então, registrada como professora da Prefeitura, na 8ª. Delegacia de Ensino”* (Depoimento na Revista Tabor em Páginas, AX, 2004, p.8 e 9)

⁷⁴ Cf. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, Joao Luiz Pozzobon..., p. 67 a 71.

⁷⁵ Segundo o depoimento do Sr. Germano Arendes, entregue ao Tribunal do Processo de Canonização do Servo de Deus, o *“Pe. Joaquim Allende, ao fazer a visita às obras sociais do seu João, encontrou este letreiro: “Ermida do pequeno Puebla” - 1980. O ano de 1979 é o ano da Conferência de Puebla. O Seu João ligou, logo, a dimensão de Pue-bla (Conferência Latino-americana) com a Vila Nobre da Caridade”* (cf. Conclusões da Conferência de Puebla, São Paulo, 1979, p. 351 a 357)

⁷⁶ Cf. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, Compêndio da Doutrina Social da Igreja, São Paulo, 2005, p. 31-44.

Fontes

1. Esteban J. Urriburu – Mario V. Tubert, Joao Luiz Pozzobon, Peregrino y Misionero de Maria, Córdoba, Argentina, 1999.
2. Paul Gauthier, O Concílio e a Igreja dos Pobres, Petrópolis, 1967.
3. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, Compêndio da Doutrina Social da Igreja, São Paulo, 2005.
4. P. Humberto Anwandter, Testimonios: El P. José Kentenich y el Nuevo Orden Social, Santiago do Chile, 2004.
5. João Paulo II, Laborem Exercenz, São Paulo, 1984.
6. Leão XIII, Rerum Novarum, São Paulo, 1965.
7. João Paulo II, Sollicitudo Rei Socialis, São Paulo, 1988.
8. Paulo VI, Carta Apostólica, São Paulo, 1971.
9. João Paulo II, Centesimus Annus, São Paulo, 1991.
10. Herta Schlosser, Menschliches Zusammenleben in Frieden und Freiheit, Vallendar-Schoenstatt, 1985.
11. João Paulo II, Tertio Millennio Adveniente, 1994.
12. Paulo VI, Populorum Progressio, São Paulo, 1967.
13. Sínodo dos Bispos, A Justiça no Mundo, São Paulo, 1971.
14. Congresso Centenário João Luiz Pozzobon, Vida e Missão, Santa Maria, 2004.
15. Catecismo da Igreja Católica, São Paulo, 1993, ed. 3ª.
16. Schönstatt-Lexikon, Vallendar-Schoenstatt, 1996.
17. Revista Tabor em Páginas, Ano X, 2004, N. 37 ao Ano XI, 2005, N. 43.
18. Esteban J. Urriburu, Herói Hoje, Não Amanhã, Santa Maria, 2003, ed. 3ª.
19. Esteban J. Urriburu, 140.000 Km a caminho com a Virgem, Santa Maria, 2005, ed. 2ª..
20. CELAM, Conclusões da Conferência de Puebla, Texto Oficial, São Paulo, 1979.
21. Edith Raidt, Christliche Unternehmensführung nach der Conzeption Pater Josef Kentenich, Vallendar-Schoenstatt, 1991.
22. Pe. José Kentenich – M. A. Nailis, A Santidade de Todos os Dias, Santa Maria, 1986.

23. Padre José Kentenich, Linhas Fundamentais de uma Pedagogia Moderna para o Educador Católico, Santa Maria, 1986.